
OLHARES POLÍTICOS A PARTIR DE OURINHOS, SP, BRASIL: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO, FORMAÇÃO HUMANA, GUERRA HÍBRIDA E O IMPEACHMENT DE ROUSSEF (2016)¹

POLITICAL VIEWS FROM OURINHOS, SP, BRAZIL: REFLECTIONS ON SPACE,
HUMAN FORMATION, HYBRID WAR AND THE IMPEACHMENT OF ROUSSEF (2016)

MIRADAS POLÍTICAS A PARTIR DE OURINHOS, SP, BRASIL: REFLEXIONES SOBRE ESPACIO,
FORMACIÓN HUMANA, GUERRA HÍBRIDA E IMPUGNACIÓN DE ROUSSEF (2016)

Gabriel Grazzini Gabriel²
Nilson Cesar Fraga³

RESUMO: Pululam nos meios científicos e militares que o mundo passa por uma Guerra Híbrida. Dotada de mecanismos sofisticados de serviços geográficos, ideológicos, de engenharia social e guerra psicológica. Em sua “versão brasileira” espalhou-se de forma desigual pelo espaço nacional, atingindo certamente diversas cidades, como a que foi aqui estuda - Ourinhos-SP. Nesse texto, são abordadas duas Unidades de Ensino localizadas em áreas distintas do espaço urbano em questão. O objetivo foi investigar como o contexto espacial e de formação humana, além das práticas espaciais e das consultas midiáticas vivenciadas pelos cidadãos comuns, podem estar associados às opiniões dos mesmos sobre o impeachment de Rouseff (2016). Para isso, na pesquisa em tela, investigou-se as vinculações espaciais, socioeconômicas, ideológicas e midiáticas de estudantes, servidores técnico-administrativos e servidores docentes. A pluralidade de consulta a veículos midiáticos, percebida nas opiniões contrárias ao *impeachment*, é associada a seus contextos histórico-geográficos contemporâneos.

Palavras-chave: Espaço. Práticas espaciais. Guerra Híbrida. *Impeachment* (2016).

ABSTRACT: In scientific and military circles pullulate that the world is going through a hybrid war. Endowed with sophisticated mechanisms of geographic, ideological, social engineering and psychological warfare services. In its “Brazilian version” it spread unevenly throughout the national space, certainly reaching several cities, such as the ones we studied - Ourinhos-SP. In this text, we will approach two teaching units located in distinct areas of the

1 Esse texto busca apresentar as apurações presentes na dissertação de mestrado intitulada “Espaço, formação humana e Guerra Híbrida: o papel da linguagem e da ideologia no impeachment de Rouseff (2016), constatações envolvendo Ourinhos/SP”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, em 2019.

2 Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gabrielgrazzini@yahoo.com.br.

3 Pesquisador do CNPq/PQ. Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: nilsoncesarfraga@hotmail.com.

urban space in question. The objective was to investigate how the spatial and human formation context, in addition to the spatial practices and media consultations experienced by ordinary citizens, may be associated with their opinions on Rousseff's impeachment (2016). For this, questionnaires were applied in order to investigate the spatial, socioeconomic, ideological and media links of the student subjects, administrative and technical servers and teaching staff. We advance here that the plurality of media consultations perceived in opinions contrary to impeachment should not be viewed in isolation disregarding their contextual sets.

Keywords: Space. Spatial Practices. Hybrid War. Impeachment (2016).

RESUMEN: Pululan en los medios científicos y militares que el mundo atraviesa por una Guerra Híbrida. Dotada de mecanismos sofisticados de servicios geográficos, ideológicos, de ingeniería social y guerra psicológica. En su “versión brasileña” se extendió de forma desigual por el espacio nacional, alcanzando ciertamente diversas ciudades, como lo que fue estudiada – Ourinhos-SP. En ese texto, son abordadas dos Unidades de Enseñanza ubicadas en áreas distintas del espacio urbano en cuestión. El objetivo fue investigar como el contexto espacial y de formación humana, además de las prácticas espaciales y de las consultas mediáticas vividas por los ciudadanos comunes, pueden estar asociados a las opiniones de estos acerca la impugnación de Rousseff (2016). Para eso, la investigación en pantalla, se indagó las vinculaciones espaciales, socioeconómicas, ideológicas y mediáticas de los estudiantes, funcionarios técnico-administrativos y funcionarios docentes. La pluralidad de consulta a medios mediáticos percibida en las opiniones contrarias a impugnación abordadas y asociadas a sus contextos histórico-geográficos contemporáneos.

Palabras clave: Espacio. Prácticas espaciales. Guerra Híbrida. Impugnación (2016).

INTRODUÇÃO

Pois de todas as formas o capital te dá um tiro. Porque é ele quem faz o mundo dar os seus giros [...] atento com a tecnologia bélica e as inteligências artificiais. [...] relações estreitas, através das janelas inbox. Conversas printadas se transformam em novos documentos [...] Novos lotes de robôs autônomos que precisam apenas um sinônimo[...] Cuidado com o histórico, *print* não some.

O trecho da música *Print*⁴, epígrafe que abre esse trabalho, demonstra a presença da tecnologia e do capital nas vidas e no cotidiano das pessoas, isso em um Brasil carregado de sinais das crises econômicas e políticas que caracterizam o cenário mundial de forma ampla, desde o início do século atual. Essa crise assume diferentes características em respectivos contextos históricos e espaciais. Vive-se o século XXI em sua crueza de abundâncias para minorias abastadas e escassez para a maioria de uma população, pobre demais para fazer parte da opulência do sistema capitalista dessa época. Características estas que transbordam dos níveis materiais aos imateriais da sociedade e vice-versa. Permeando a formação do pensamento humano, em suas instâncias ideológicas e linguísticas, e a concretização material ou não dessas ideias (*práxis*⁵).

O espaço geográfico como objeto da Geografia e categoria de análise, nos moldes elaborados por Milton Santos (2004), merece destaque por suas propriedades de socialidade

que o fazem funcionar como articulador de um feixe de características sociais que compõem a realidade. O conhecimento e a formação do pensamento humano são efetivados na *práxis* contextualizada espacialmente, ou em outras palavras, nas práticas espaciais. As mesmas quando entendidas como a associação entre a contextualização espacial e *práxis*, revelam-se muito férteis para o entendimento dos conflitos sociais contemporâneos. Abordagem que se revela, nem que fragmentada ou parcial, em Lana de Souza Cavalcanti (2011), Marcos Antonio Campos Couto (2010) e Marcelo Lopes de Souza (2013), por exemplo.

Assim, a produção e a reprodução, invariavelmente, provenientes das relações humanas ocorrem no espaço geográfico por meio das práticas espaciais, e geram também imaterialidades, como ideologias propagadas sobre uma raiz econômica e espacial com ramos simbólicos cognitivos e linguísticos. Por tanto, a Formação Humana é vista aqui como algo possível apenas no desenvolver do trabalho em seu sentido filosófico e atrelada a linguagem e a ideologia. Nesse sentido destaca-se Lev Semenovitch Vygotsky (1984) que contempla a linguagem como uma função psicológica genuinamente humana e Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov (2006), onde, para os quais, a ideologia só se permite existir na associação humana (sociedade) e está vinculada a linguagem. Logo se contempla uma propagação linguístico-ideológica por meio das práticas espaciais e do próprio espaço geográfico.

Esses pressupostos teóricos levam a noção de que o mundo, no século XXI, está submerso em condições (e, por tanto, também em conflitos) ao mesmo tempo materiais e imateriais. Assim, os mesmos são de complicada visualização de seus focos e circuitos de batalhas pelo espaço geográfico. Nesse sentido, muitas teorias militares incorporam esse ponto de vista como é o caso da Guerra Híbrida- termo que aparece em documentos oficiais, não oficiais e militares estadunidenses desde meados dos anos 2000 (MONIZ BANDEIRA, 2017) até sua “popularização” pelas mãos de Andrew Korybko (2018). Para o autor, esse tipo de guerra utiliza-se politicamente de serviços de engenharia social, guerra psicológica, perseguição judicial (*lawfare*) e guerra não convencional. Visa reorganizar o Estado alvo, deixando-o a mercê dos interesses do atacante.

Para verificar a efetividade desse ponto de vista, que gira em torno da hipótese de que a linguagem se propaga no espaço geográfico, respeitando sua configuração, a batalha ideológica da sociedade contemporânea passa pela dominação hegemônica da linguagem e suas contradições, realizamos, além dos levantamentos teóricos, observações empíricas e a aplicação de questionários. Nesse texto, as abordagens se deram nas Unidades Eduacionais (UEs) E. E. Josepha Cubas e E.E. Virginia Ramalho, ambas inseridas na dinâmica da segregação residencial encontrada no município de Ourinhos, no estado de São Paulo.

ESPAÇO, PRÁTICAS ESPACIAIS, IDEOLOGIA, LINGUAGEM E OURINHOS/SP NA GUERRA HÍBRIDA

Milton Santos (2004) considera que o espaço é um híbrido, incorporando o processo a sua essência. Define o espaço geográfico como “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]” (p. 332). O que liga o sistema de objetos ao sistema de ações é a intencionalidade que somente a humanidade possui. Assim, o agir revela a importância do passado e do presente na construção do futuro, sendo que o espaço condiciona, mas não limita a ação.

Em perspectiva parecida, vem Henri Lefebvre (1991) e (2000) com bastante ênfase nas forças produtivas e nas relações de produção⁶ em sua dimensão espacial, e no diálogo

entre infraestrutura e superestrutura. A abordagem de Henri Lefebvre é bastante ampla e contempla as materialidades e as imaterialidades do espaço, assim como seu potencial de elemento conservador ou transformador da realidade de acordo com a relação estabelecida entre sujeito (considerando seu contexto de classe socioeconômica) e espaço. Por conta disso, trabalha a prática espacial como instância das interações sociais.

Marcos Antonio Campos Couto (2010, p. 113), também em uma perspectiva marxista, define as práticas espaciais como práticas sociais de localização e de reconhecimento de pontos de referência; deslocamentos e fenômenos que conformam um determinado conjunto espacial com configuração e limites próprios; conquista e domínio de territórios; representação dos espaços em diferentes escalas; delimitação de espaços e interligação entre eles; entrecruzamento de diferentes conjuntos espaciais. Enquanto Lana de Souza Cavalcanti (2011) associa as práticas espaciais ao cotidiano dos sujeitos.

Marcelo Lopes de Souza (2013) diferencia, incisivamente, o que é prática espacial do que é prática social. Para nós as práticas espaciais servem, sobretudo para “delimitar” a interação do indivíduo ou de uma classe com o espaço. Pois, o espaço sendo muito associado à totalidade é enriquecido com a noção de práticas espaciais no que tange especificamente a quais processos estão ocorrendo naquele recorte, naquele momento. Assim, as práticas espaciais ajudam a definir os processos principais de um determinado fenômeno, ou objeto, principalmente se tratando de análise geográfica.

Ainda no sentido de delimitação (porém, com maior intensidade na delimitação física do que na abordagem do parágrafo anterior) salienta-se, que, Iná de Castro (2005) com suas noções escalares: local, regional, global, traz destaque para o Estado-nação por sua capacidade de centralização e execução de poder. Para a autora, é no espaço, e suas ligações com imaginários, que ocorrem à política e a luta de classes.

Mikhail Bakhtin e Valentin N Volochinov (2006), contemplam a luta de classes travadas nos signos ideológicos por meio da linguagem. Para os autores, essas disputas ideológicas se dão na produção e reprodução de significados e significantes, na qual se destaca a palavra e seu notável poder de assumir variados teores ideológicos. Essas lutas de classes, se recorrermos a Domenico Losurdo (2010), remetem a desdobramentos de cunho práticos, mas associados a um conjunto linguístico - um léxico nas palavras dele.

Esse léxico emana do império e estabelece contato com o restante do mundo em variadas formas e tamanhos de impactos escalares, gerando diversos conflitos, também em variadas formas. Podemos considerar que uma delas é a Guerra Híbrida, já que para Andrew Korybko (2018), a mesma é proferida pelos Estados Unidos da América e possui um viés ideológico e cognitivo muito forte. Antes de retomar a Guerra Híbrida, se faz necessário deter-se sobre a ideologia.

Terry Eagleton (1997) investiga intensamente as obras de Marx em busca de conhecimento sobre o termo, descobrindo um sentido mais político e um mais epistemológico, optando por colocar a ideologia como algo atrelado a prática e a falseabilidade da realidade. Para o autor, formação ideológica emana da formação material, podendo ser produto da consciência de uma classe ou falsificação da realidade, mas no segundo caso, não apenas como o produto direto do controle de uma classe sobre a produção ideológica.

Terry Eagleton (1997) e Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov (2006) possuem visões com nuances diferenciadas sobre a relação entre linguagem e ideologia. Na visão dos dois últimos autores, ideologia e linguagem estão sempre imbricadas, enquanto que para o primeiro, isso vai ocorrer de acordo com as circunstâncias, até o ponto de o autor visualizar

que ideologia possui mais proximidade com o discurso do que com a linguagem. Tenta-se, aqui, extrair uma parcela das duas ideias, como elementos que forneçam indícios do circuito percorrido pela ideologia no espaço. A citação a seguir ajuda nesse sentido:

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (BAKHITIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 38, grifos dos autores).

A citação anterior se fez necessária ao demonstrar que fenômenos reais demandam uma compreensão humana enriquecida pela linguagem e seu principal produto: a palavra. Os autores acima citados, referem-se à propagação de ondas internas à consciência, mas se pode aprofundar a interpretação desta citação se imaginarmos a substituição do termo “superfície das águas” por “espaço geográfico”, e imaginar que essas ondas de significados e significantes ocorram para além do âmbito interno das consciências, mas em conexão com elas, permeando os objetos compositores do espaço geográfico, o que pode contribuir muito para se abordar a disseminação da linguagem e da ideologia pelo espaço.

Retomando a discussão sobre a Guerra Híbrida, é preciso se ter em vista que, no período político de 2013 a 2018, os aspectos linguísticos e ideológicos surgem e se propagam no espaço geográfico brasileiro se encadeando de maneira mais ou menos flexível em torno do *impeachment* da então Presidenta Dilma Rousseff, isso em 2016. Esse fato político possui proporções transnacionais, nacionais, regionais e locais, é notadamente marcado e vivenciado em todas as escalas do espaço geográfico. É, a partir da necessidade de interpretação desses fatos mencionados, que se é levado ao conceito de Guerra Híbrida. Moniz Bandeira (2017) e Andrew Korybko (2018) mencionam tal conceito ao analisar aquele cenário político vivido no território brasileiro. Em entrevista, Korybko revela o conceito em uma dimensão mais avançada:

As Guerras Híbridas são conflitos identitários provocados por agentes externos, que exploram diferenças históricas, étnicas, religiosas, socioeconômicas e geográficas em países de importância geopolítica por meio da transição gradual das revoluções coloridas para a guerra não convencional, a fim de desestabilizar, controlar ou influenciar projetos de infraestrutura multipolares por meio de enfraquecimento do regime, troca do regime ou reorganização do regime (KORYBKO, 2018).

Essa teoria, tão atual e tão cara na vida brasileira dos últimos anos, provém de visões geopolíticas clássicas e contemporâneas, no sentido de definir qual é o alvo central e como desestabilizá-lo. Assim, Korybko (2018) ressalta a manipulação de pautas identitárias por parte dos serviços de inteligência dos Estados Unidos da América, que agem como o contendor do que as teorias de Mackinder (assim como outros estudiosos de área) definem

como o centro de poder mundial (*Heartland*), por meio de documentos estadunidenses - oficiais ou não -, na busca pela dominação total do espectro. A Guerra Híbrida abarca as revoluções coloridas e as guerras não convencionais de forma a desenvolver a segunda como continuidade da primeira, isso de maneira que parece sutil aos olhos e olhares de muitos, mas de maneira perversa e certa sobre povos, governos e nações.

Grosso modo, a instalação da estrutura volta-se ao desenvolvimento de uma revolução colorida e a mesma pode ser utilizada posteriormente, se necessário (e na maior parte dos casos o é), para fins militares de uma guerra não convencional (KORYBKO, 2018). A ideia é criar o caos administrado. No livro desse autor, são citados os sistemas de anéis, pertinentes às guerras de 4ª geração (assimétricas e em grande medida indiretas), utilizados para caracterizar o alvo. A análise holística trabalha com algumas variáveis: “[...] liderança; ideologia; objetivos; ambiente e geografia (inclusive sociais); apoio externo; divisão em fases e *timing*; e padrões organizacionais e operacionais.” (KORYBKO, 2018, p. 84).

Como essas “geografia[s]” são imutáveis, o(s) mutável(is) é (são) as formas como as mesmas são atingidas. O Brasil, em continente americano, membro dos BRIC’S, é um laboratório e tanto: Pré-sal, submarino nuclear em construção, agronegócio em destaque, Amazônia como trunfo, base de Alcântara como estratégia, constituem objetivos plausíveis para uma Guerra Híbrida; além de elementos extras, tais como um novo flanco de ataque contra a Venezuela e dissimulação e intensificação do conflito com a Eurásia, tudo isso ao mesmo tempo (ESCOBAR, 2019).

De uma forma bem resumida, é perceptível que o Brasil passou por grandes fatos e momentos políticos nos últimos 5 anos, que se iniciaram com as mobilizações de 2013, espionagem estadunidense na Petrobras, também, em 2013, eleições presidenciais, em 2014, novas manifestações em 2015 e 2016, divulgação de grampo da Presidência da República, em 2016, processo de *impeachment*, em 2016, as mobilizações, em 2017, prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e as eleições presidenciais, em 2018, além das revelações de contatos entre o sistema judiciário brasileiro e o estadunidense e a nomeação de um militar brasileiro para chefiar o *South Comand*, entre tantos outros acontecimentos que poderiam ser mencionados. Todos esses acontecimentos, foram permeados por greves, piquetes e cobertura, ideologicamente, beligerante das empresas dominadoras dos meios de comunicação de massa nacional. Esse teatro se espalhou pelo espaço geográfico nacional de forma desigual, mas acabou por atingir virtualmente quase toda a sociedade.

Desta forma, Ourinhos/SP, uma cidade localizada no oeste paulista, emergiu como exemplo dos impactos da Guerra Híbrida nas cidades pequenas e médias. Para se compreender a espacialização desse conflito no município em tela, é necessário, primeiro, se refletir sobre seu espaço urbano e o estado da segregação espacial municipal, para depois passar-se às práticas espaciais recorrentes no território deste município.

Franciele Ferreira Dias (2013) estuda esta cidade que possui um importante entroncamento rododiferroviário regional. No tocante ao seu PIB, se sobressai o setor de serviços, seguido pela indústria e, por fim, pela agricultura, nessa ordem de importância. A Ourinhos, de hoje, se configura por uma parcial sobreposição de segregações socioespaciais produzidas em contextos históricos e sociais diferenciados na sua relação espaço-tempo. Essa constante produção de segregação é uma das variáveis responsáveis pela relação entre o espaço urbano e as classes sociais mediadas, também, pelo Estado.

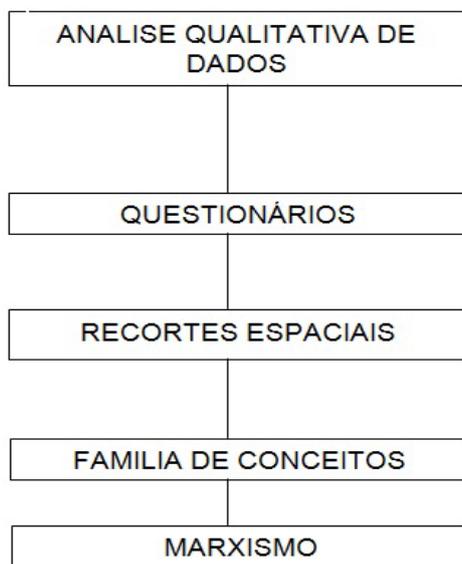
A segregação socioespacial, em Ourinhos, é bastante acentuada, sobremaneira no extremo Leste municipal, diminuindo a intensidade na região mais central geográfica, onde se localiza a porção comercial, essa demarcada pela Rodovia Raposo Tavares, como

se pode verificar na Figura 2, onde está a localização da UE E.E. Josepha Cubas. A outra UE, encontra-se ao Norte do perímetro urbano, em uma área urbana segregada socioespacialmente, porém mais próxima da região central da cidade, como se pode verificar na Figura 3. No mais, nesses dois infográficos, é possível verificar as opiniões dos estudantes, seus padrões de consulta em veículos midiáticos.

Assim, as lutas de classes que abrangem o espaço em diferentes formatos e escalas de atuação, distinguem-se nas práticas socioespaciais ourinhenses, que vão desde a pichação até os eventos culturais de massa e seletos, passando pelas instituições formadoras como escolas e, especificamente, aqueles exercidos pelos veículos midiáticos. Acontecem, nas Unidades Educacionais (escolas e universidades), as práticas socioculturais, assim como nas Associações de Moradores, nas Organizações Sociais, nos Sindicatos e na Mídia, que se realizam as práticas espaciais municipais abordadas.

Por tanto, é em meio a desigualdade de oferta e acesso a essas práticas que as dimensões ideológicas se submetem ou se rebelam, no contexto no qual são engendradas. Ao se pensar o espaço geográfico municipal descrito como produto, produtor e reproduzidor das lutas de classes, se pode representá-lo como um dos flancos da batalha ideológico-linguística que levou ao *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef, circunscrito na Guerra Híbrida, vivenciada desde o início desta década.

O processo metodológico do trabalho em tela, pode ser sintetizado no esquema que segue:



Fonte: Organizada pelos autores, 2019.

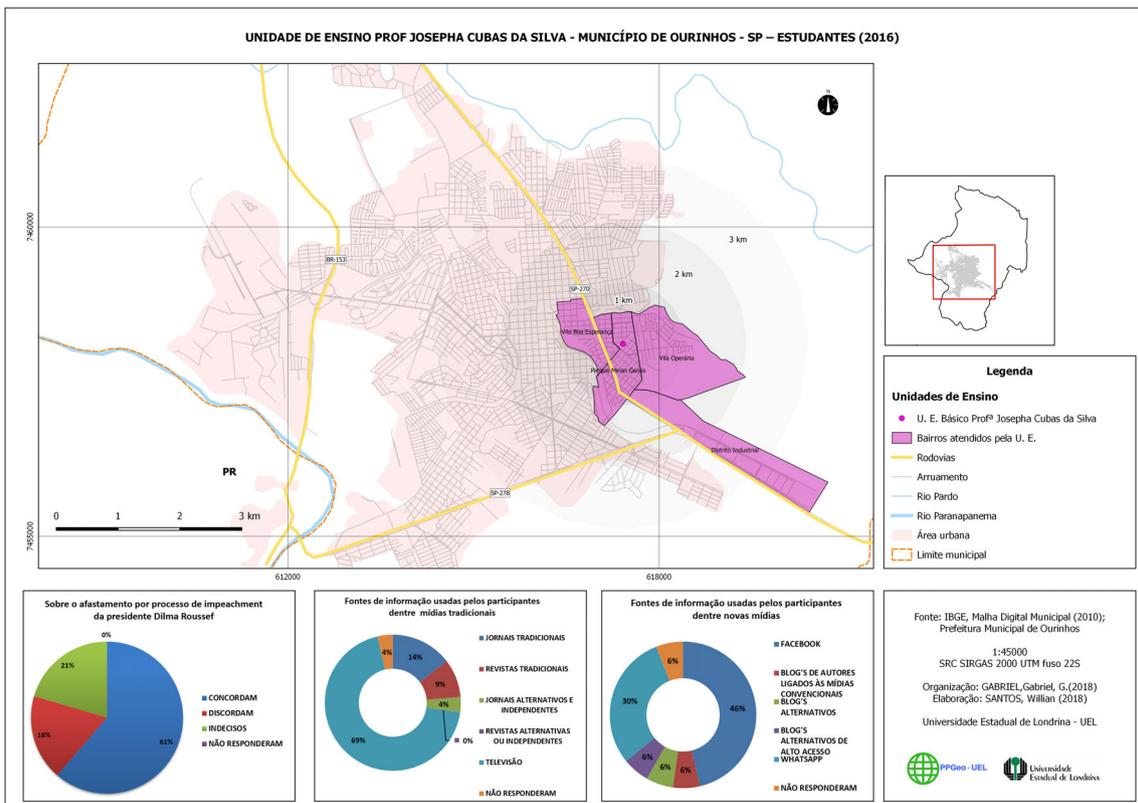
Figura 1. Processo metodológico.

As metodologias adotadas perpassam o campo teórico e o empírico de maneira holística. No teórico, em uma base marxista, além do levantamento em outros textos científicos, trabalhou-se com a noção de constelação ou família de conceitos em que as categorias são vistas como conceitos mais gerais (HAESBAERTH, 2014), para nós: espaço geográfico, práticas espaciais, linguagem e ideologia, foram os aportes para o entendimento do estudo de caso que envolveu o município de Ourinhos e seus estudantes. Adotou-se, ainda, o método de procedimento qualitativo e um conjunto de técnicas específicas de coleta de dados, cuja base se deu por meio de ampla pesquisa bibliográfica, documental e trabalho de campo.

No decorrer deste trabalho, foram consultados documentos, artigos, livros e resenhas em suas formas digitais e impressas. Ainda no campo da pesquisa documental, mas com cunho de coleta de dados, consultou-se numerosos textos jornalísticos, em *homepages* e em acervos digitais, além de textos provenientes de redes sociais, *blogs* e *flogs*. Também foram coletados dados primários em campo por meio da observação, entrevistas e da aplicação de questionários.

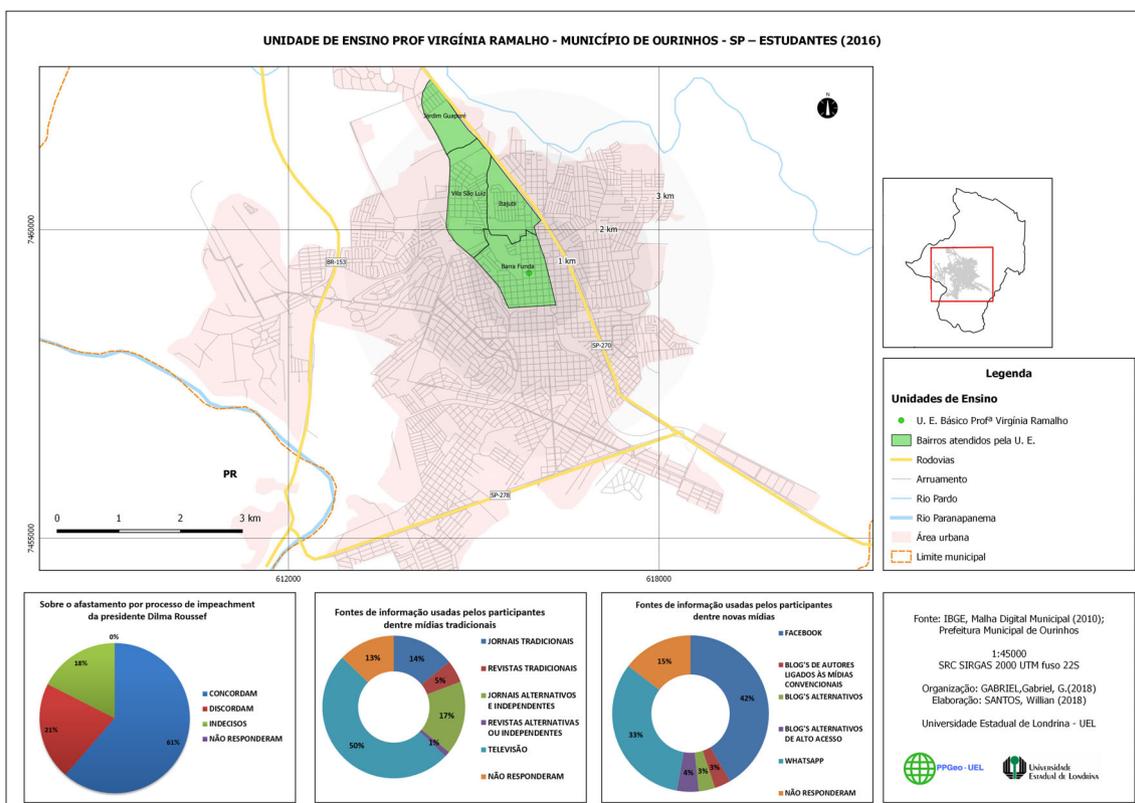
Os estudantes da E.E. Josepha Cubas, situada a leste da rodovia Raposo Tavares (ao mesmo tempo um elemento e um delimitador da segregação contemporânea no município), declararam-se de classes socioeconômicas mais altas do que o condizente com os bairros dos quais são provenientes, enquanto que os estudantes da E.E. Virginia Ramalho, situada ao norte da estrada férrea, na chamada área “abaixo da linha”, segregada socioespacialmente desde os primórdios da cidade, se declararam de classes socioeconômicas condizentes com o valor do metro quadrado apresentado na área.

Nos mapas (Figuras 2 e 3) é possível identificar as opções político-ideológicas dos estudantes, seus padrões de consulta midiática, além de suas bases socioespaciais⁷. Sendo que nas duas UEs aparece o domínio da opção favorável ao *impeachment*, e a televisão nas mídias convencionais como fonte de informação, seguido pelo *Facebook* e *WhatsApp*, considerando que essas se caracterizam como novas mídias.



Fonte: Organizada pelos autores⁸.

Figura 2. Unidade de Ensino Profª Josepha Cubas – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2
Unidade de Ensino Josepha Cubas – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2016).



Fonte: Organizada pelos autores⁹.

Figura 3. Unidade de Ensino Virginia Ramalho – Município de Ourinhos/SP – Estudantes (2016).

Os questionários respondidos pelos servidores técnico-administrativos e docentes dessas UEs revelaram um mosaico de posições quanto à pluralidade midiática, opinião majoritária sobre o *impeachment* e sobre a mudança de opinião entre os anos de 2016 e 2017 como demonstram os quadros (Figuras 4 e 5) a seguir:

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
EE Josepha Cubas	Média	Discordam	-----
EE Virginia Ramalho	Baixa	Concordam	Não

Fonte: Organizada pelos autores.

Figura 4. Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* dentre os servidores técnico-administrativos.

	Pluralidade midiática	Opinião majoritária sobre o <i>impeachment</i>	Mudança de opinião sobre o <i>impeachment</i> (2016/2017)
EE Josepha Cubas	Alta	Discordam	Não
EE Virginia Ramalho	Alta	Discordam	-----

Fonte: Organizada pelos autores.

Figura 5. Níveis de pluralidade midiática e opiniões sobre o *impeachment* dentre os servidores docentes.

De forma geral, as práticas espaciais insurgentes, na cidade estudada, estão mais associadas aos sindicatos e movimentos sociais, ao desenvolvimento do conhecimento técnico, e a setores específicos e minoritários da mídia (por tanto, de certa forma, também a pluralidade midiática). Porém, essa classificação não pode ser feita de forma simples e aleatória ao se considerar apenas os dados levantados pelas entrevistas, tais elementos e situações, demandam maiores aprofundamentos futuros, pois, existem “infiltrações ideológicas” (acidentais ou propositais) dentro dos setores.

Analizou-se o caso das UEs Josepha Cubas e Virginia Ramalho, ambas escolas estaduais situadas em áreas com traços da segregação socioespacial pretérita e contemporânea. Foram evidentes as associações entre consultas a veículos midiáticos e as opiniões sobre o *impeachment*. A isso devem ser sobrepostas as práticas espaciais, pois, não é somente a quantidade ou a qualidade (qual campo do espectro ideológico a mídia ocupa) das mídias que se altera junto das opiniões, mas também as formas de consulta e de interação com as mesmas.

As opiniões contrárias ao *impeachment*, em Ourinhos/SP se formaram em torno das três categorias socioeconômicas abordadas: docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes. Porém, é na primeira que se percebe com maior robustez o debate sobre tais questões políticas contemporâneas. Algo que chama bastante atenção é, também, a baixíssima “penetração ideológica” por parte dos professores das escolas em questão, no que concerne ao olhar político-ideológico dos estudantes, já que em ambas as escolas, os estudantes revelaram-se favoráveis ao afastamento e os professores contrários, essa contradição, desmonta o discurso atual de que a escola é um ambiente de cooptação ideológica por parte dos docentes.

NOTAS

4 Música do *rapper* Edgar disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xDQjKhkd7Pg>, acessado em janeiro de 2019.

5 Para Kosik (1976), além da vinculação entre teoria e prática a práxis do indivíduo se articula com o todo e produz a realidade humanizada. Assim, dividindo-se em dois tipos: 1-práxis fetichizada, o indivíduo tem suas necessidades, instrumentalizações e representações guiadas e compreendidas até o nível aparente, não transcendendo sua conceitualização ao entendimento da essência do fenômeno, mantendo-se assim no senso

comum que possibilita a convivência com a realidade, mas não o entendimento necessário sobre os mecanismos que dão luz a seu funcionamento; e 2-práxis revolucionária em que se realiza a consciência da essência humana de produtora e reprodutora da realidade social tal qual está ou de suas transformações.

6 Milton Santos em meados de sua carreira faz a associação entre sistema de objetos e infraestrutura e entre sistema de ações e superestrutura (BASTOS; CASARIL, 2016). Depois, em 2004, considera que forças produtivas e relações de produção se imbricaram a níveis tão profundos que um passa a ser o outro e vice-versa.

7 Questionário e entrevistas aplicadas nas escolas no ano de 2016 (na semana seguinte a votação e decisão, pela aceitação do processo, por parte da câmara dos deputados em 17/04/2016).

8 Disponível em alta resolução em: <http://encurtador.com.br/imFW6>.

9 Disponível em alta resolução em: <http://encurtador.com.br/fqXZ5>.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, J. M.; CASARIL, C. C. A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul**, v. 31, n. 62, p. 271-298, 2016.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CASTRO, I. de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p.
- CAVALCANTI, L. de S. Jovens escolares e suas prática espaciais cotidianas. *In*: CALLAI, H. C. (org.). **Educação geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: Unijui, 2011. p. 35-56.
- COUTO, M. A. C. Ensinar a geografia ou ensinar com a geografia? das práticas e dos saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico na escola. **Terra Livre**, São Paulo, ano 26, v. 1, n. 34, p. 109-124, jan./jun. 2010.
- EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Trad. S. Vieira e L. C. Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/EditoraBoitempo, 1997. 204 p.
- ESCOBAR, P. “VazaJato” se transforma no Russiagate 2.0. **Duplo expresso**. 2019. Disponível em: <https://duploexpresso.com/?p=106050>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- FERREIRA DIAS, F. M. **Segregação residencial na cidade de Ourinhos-SP**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- KORYBKO, A. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. **Tutameia**. 2018. Disponível em: <https://tutameia.jor.br/brasil-e-alvo-de-guerra-hibrida/>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- KORYBKO, A. **Guerra híbrida**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000).
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- LOSURDO, D. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

- MONIZ BANDEIRA, L. A. O golpe e a geopolítica. **Jornal Grande Bahia**, 19 nov. 2017. Disponível em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/11/moniz-bandeira-o-golpe-e-a-geopolitica-confira-entrevista-concedida-a-rubens-diniz/>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 1. reim. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. São Paulo: Cortez; 2006.
- SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.